



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**PAULO DREYSSIG**

**(depoimento)**

**2003**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-30

**Entrevistado:** Paulo Dreyssig

**Nascimento:** 28/02/1933

**Local da entrevista:** CEME/ESEF/UFRGS

**Entrevistadores:** Leila Matos e Luanda Dutra

**Data da entrevista:** 25/04/2003

**Transcrição:** Luanda Dutra

**Conferência Fidelidade:** Leila Matos

**Copidesque:** Johanna Coelho von Mühlen/Silvana Vilodre Goellner

**Pesquisa:** Giovani Frizzo

**Fitas:** (01 fita) 01/30-A

**Total de gravação:** 30 minutos

**Páginas Digitadas:** 12

**Catalogação:** Vera Maria Sperangio Rangel

**Número de registro:** 01230/2005/01

**Nº da fita:** 01230/2005/01

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

DREYSSIG, Paulo. *Paulo Dreyssig (depoimento, 2003)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2005.

## **Sumário**

Início do envolvimento com a prática desportiva; participação em equipes de basquetebol e em campeonatos; desenvolvimento do Basquetebol nas praças e nos clubes de Porto Alegre, principalmente na Praça Bartolomeu de Gusmão, também conhecida como Praça Florida; cotidiano dos praticantes e dos atletas de Basquete, na década de 50; criação da Federação Gaúcha de Basquetebol; participação como treinador de basquetebol em equipes de base.

Porto Alegre, 25 de abril de 2003. Entrevista com Paulo Dreyssig, a cargo das entrevistadoras Leila Mattos e Luanda Dutra, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

L.M. – Paulo, conte como é que o senhor iniciou dentro do esporte?

P.D. – Eu morava perto da Praça Florida<sup>1</sup> e ali, convivendo com amigos, agente formou alguns timezinhos de basquete [palavra inaudível], pelada de gurizada mesmo, e aquilo, foi evoluindo, até que surgiu a idéia de se filiar. Como a gente já disputava campeonatos inter-praças... Naquele tempo tinha campeonatos inter-praça, era a única maneira que se podia disputar um campeonato - pela Prefeitura entre as praças - onde se destacavam as praças Florida, General Osório<sup>2</sup> e Pinheiro Machado<sup>3</sup>. Então, se criou uma rivalidade entre a praça General Osório e a Florida. A praça General Osório forjava atletas que geralmente iam para o Cruzeiro<sup>4</sup> que era o nosso rival naquela época, e então, a Florida disputava com a General Osório a maioria dos campeonatos, tanto infantil, quanto juvenil, adulto não havia.

L.M. – O senhor sabe por que se chama praça Florida?

P.D. – Não sei, mas não é o verdadeiro nome da praça, a praça se chama Bartolomeu de Gusmão. É conhecida como praça Florida, o motivo eu não sei dizer. Então, começou a evoluir essa história, surgiu uma idéia de uma simpatizante muito ferrenha do Florida que era a Dona Erna Leão<sup>5</sup>, moradora das cercanias, ela simplesmente nos *forçou* a se filiar a Federação. Isso aconteceu em 1948, então, dali em diante, nós passamos a disputar os campeonatos da cidade Porto Alegre e nos anos de 50, 51 e 52 nós chegamos a ser vice-campeão e, em 53, foi o ápice do Florida [palavra inaudível]... Clube, era um clubezinho na pracinha Florida, que não tinha nem sede, a sede era na própria praça e nos sagramos campeões da cidade Porto Alegre e campeões estaduais de um campeonato que ocorreu em Pelotas<sup>6</sup>, e isso... A nossa torcida, por exemplo, apesar de Grêmio<sup>7</sup> e Internacional<sup>8</sup>

---

<sup>1</sup> Praça Bartolomeu de Gusmão, localizada no Bairro Floresta em Porto Alegre.

<sup>2</sup> Praça General Osório, localizada no Centro de Porto Alegre. Também conhecida como Alto da Bronze.

<sup>3</sup> Praça Pinheiro Machado, localizada no bairro Navegantes em Porto Alegre.

<sup>4</sup> Esporte Clube Cruzeiro, fundado em 1913.

<sup>5</sup> Grande incentivadora da Praça Florida.

<sup>6</sup> Cidade do interior do Rio Grande do Sul.

disputarem o campeonato de basquete naquela época, a nossa torcida era bem maior, tanto de Grêmio, quanto de Internacional, porque nós tínhamos muitos simpatizante em Porto Alegre e, mais ou menos, foi aí minha história. Me introduzi dentro do basquete, também aproveitando o tamanho, né!

L.M. – Tu tinhas algum técnico, o time de vocês?

P.D. – Sim, o meu primeiro técnico na pracinha Florida foi seu Ricardo Cirne Vargas.<sup>9</sup> Depois, já na Florida mesmo, passou a ser o Ariel Ruas<sup>10</sup> e, após, Artur Visintainer,<sup>11</sup> foi com ele que nós tiramos o campeonato estadual.

L.M. – E, porque que o senhor escolheu o basquete? O basquete era um esporte que tinha muita visibilidade?

P.D. – Não, o basquete foi porque era a especialidade da praça Florida, tinha uma quadra de basquete lá e tinha alguns times formados por moradores das cercanias. Foi assim que o pessoal praticava mais basquete e, em segundo lugar, vôlei, justamente aproveitando as instalações da praça Florida.

L.M. – Quantos anos o senhor tinha quando começou?

P.D. – Eu comecei lá com oito anos de idade, participado das peladas e, depois, com onze e doze, já no campeonato infantil.

L.M. – Depois que formou o Clube Florida, então do basquete, uma coisa era a praça e outra coisa era o clube Florida basquete?

---

<sup>7</sup> Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense, fundado em 15 de setembro de 1903.

<sup>8</sup> Sport Club Internacional, fundado em 4 de abril de 1909.

<sup>9</sup> Considerado o responsável pelo desenvolvimento dos esportes na Praça Florida.

<sup>10</sup> Primeiro técnico do Florida A. C. e sócio laureado.

<sup>11</sup> Sócio laureado pelo clube Florida A. C.

P.D. – Não, praticamente era a mesma coisa, nós pertencíamos à pracinha Florida e fundamos o Florida Atlético Clube que era da praça. Não tínhamos nem sede, era o clube da praça.

L.M. – E, esse campeonatos inter-praças eram todos patrocinados pela Prefeitura de Porto Alegre<sup>12</sup>?

P.D. – Pela Prefeitura de Porto Alegre.

L.M. – E vocês viajavam para fazer competição fora de Porto Alegre?

P.D. – Não, as competições eram só entre as praças de Porto Alegre. Mais tarde sim, quando nós fizemos parte oficial da Federação de Basquete, nós viajávamos para o interior para jogar, principalmente Santa Maria<sup>13</sup>, que era o segundo reduto do basquete aqui no Estado. Santa Cruz, Cachoeira, Pelotas, Rio Grande<sup>14</sup>, tudo isso agente viajava.

L.M. – Era a Federação só do Basquete ou era Federação...

P.D. – Inicialmente, era Federação Atlética<sup>15</sup> que abrangia a maioria dos esportes. Depois, então, foi fundada a Federação de Basquete, Federação Gaúcha de Basquete<sup>16</sup>.

L.M. – Como é que eram esses jogos, quando o senhor ia para Santa Maria, Cachoeira?

P.D. – Como é que eram os jogos?

L.M. – É, a organização, a premiação?

---

<sup>12</sup> Capital do Estado do Rio Grande do Sul

<sup>13</sup> Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

<sup>14</sup> Cidades do Estado do Rio Grande do Sul.

<sup>15</sup> FARG – Anteriormente chamada de LARG - Liga Atlética Rio-Grandense, em 1941 com a regulamentação dos desportos no Brasil, passou a se chamar FARG - Federação Atlética Rio-Grandense.

<sup>16</sup> Federação Gaúcha de Basquete - em 18 de abril de 1952, a FGB foi fundada na cidade de Porto Alegre, pelo 1º Presidente Sr. José Carlos Daut.

P.D. – A maioria dos jogos que a gente fazia no interior eram amistosos, porque campeonato estadual saía numa determinada sede. Santa Maria, Cachoeira, Santa Cruz, Pelotas se reúnem os clubes todos lá, e era disputado o campeonato estadual durante uma semana, dez dias, por aí.

L.M. – O Florida participava?

P.D. – O Florida participava como campeão da cidade, foi aquela vez que nós vimos o campeonato, em Pelotas.

L.M. – O senhor lembra de alguns atletas que jogaram com o senhor?

P.D. – Lembro sim, todos eles. Nós tínhamos, por exemplo, o Telmo Dreschler que era o Bugio, apelido de Bugio que era atleta de seleção brasileira naquela época. Tínhamos o Sérgio Capra, Nilo Rigobello, Ivo Rigobella<sup>17</sup>, Ebará<sup>18</sup>, o Ganso<sup>19</sup>, o Ério Gomes de Oliveira<sup>20</sup>, Ernesto Becker<sup>21</sup>, Bento Alano de Souza<sup>22</sup>... Não sei se eu vou esquecer alguém, Lauro Ulbrich<sup>23</sup>, Alcides Dallegrave<sup>24</sup> e outros... Mas o importante é o seguinte, nos anos de 52 e 53 a seleção gaúcha de basquete era praticamente o quadro da Florida, da Florida Atlético Clube, com alguns atletas do Cruzeiro, que era o nosso rival na época.

L.M. – Na questão de, mais tarde, participar da Universíade?<sup>25</sup> E, alguém que participou, seja ele como atleta mesmo ou como técnico ou como organizador?

P.D. – Não, na Universíade alguns participaram, mais eu não sei te dizer quem foi, porque nós não tínhamos muitos estudantes na nossa equipe. A maioria já trabalhava e não pertencia a universidade.

---

<sup>17</sup> Amadores laureados pelo clube Florida A. C.

<sup>18</sup> Friedrich J. E. Passberg, também laureado pelo Florida A. C.

<sup>19</sup> Egon Mashner, campeão estadual de 1953.

<sup>20</sup> Amador laureado pelo clube Florida A. C.

<sup>21</sup> Participou da equipe de 1953.

<sup>22</sup> Campeão estadual de 1953.

<sup>23</sup> Amador laureado pelo clube Florida A. C..

<sup>24</sup> Um dos fundadores do Florida A. C.

<sup>25</sup> Jogos Mundiais Universitário, realizado em Porto Alegre no ano de 1963.

L.M. – E, o senhor foi técnico no time da Florida?

P.D. – Dos infantis e os juvenis

L.M. – E, a categoria infantil era bastante forte?

P.D. – Sim, todos os campeonatos inter-praça de infantil e juvenil nós ganhávamos. Por exemplo, eu fui tricampeão infantil, depois subi para categoria juvenil e, mais uma vez, tricampeão juvenil. E, combinou com o campeonato estadual de basquete adulto de primeiros quadros.

L.M. – Essas crianças eram de que classe social? Eram crianças mais de classe média, que tinham mais condições?

P.D. – Sim, eram da classe média, eram moradores da redondeza. Nós tínhamos, por exemplo - não chegou a disputar o Campeonato Estadual conosco - o Ubirajara dos Santos que era o Mussolini, o apelido dele. Tínhamos o Airton Bernardo<sup>26</sup>, que depois passou a ser juiz de futebol, todos eles nasceram ali, dentro da pracinha Florida.

L.M. – Todos praticaram atividade...

P.D. – O Airton disputava, naquela época, pelo Internacional e o Mussolini também.

L.M. – O acesso às crianças, as meninas também praticavam atividade de basquetebol?

P.D. – Sim, tinham.

L.M. – E, tinha times femininos?

P.D. – Tinha, também disputavam campeonato de vôlei. Basquete não, porque as meninas não gostavam de jogar basquete, mas vôlei tinha. Não sei como era o nome exatamente desse esporte, mas era o esporte da ferradura: se atirava uma ferradura numa estacazinha e



também tinha campeonatos inter-praça dessa modalidade. A pracinha Florida influenciou a vida de muita gente ali da redondeza, justamente por isso, nós tínhamos uma torcida muito grande, porque o pessoal era fã da pracinha Florida.

L.M. – Para ser atleta da seleção gaúcha os técnicos iam buscar os atletas nessas praças, tinha o Alto da Bronze<sup>27</sup>, não sei se te lembrás... A Florida era uma das potências. O senhor acha que tinha atletas tão...

P.D. – Sei, justamente quando algum clube, por exemplo: União<sup>28</sup>, Grêmio, Internacional precisavam de atletas iam a uma dessas duas praças, também na General Osório, Pinheiro Machado, na praça Garibaldi<sup>29</sup> também, Jaimes Teles<sup>30</sup>, para buscar atletas. A grande maioria era lá da praça Florida.

L.M. – Cada praça tinha um símbolo, qual era o símbolo da praça Florida?

P.D. – O nosso símbolo era o Zé Carioca<sup>31</sup>.

L.M. – O Zé Carioca!

P.D. – Inclusive como pode ver está na nossa planta.

L.M. – O senhor disse que depois que um time pequeno ganha um campeonato, o time acaba, porquê?

P.D. – É porque... E aí, surgiu uma grande polêmica, que o nosso presidente, que era o José Alexandre Zacchia<sup>32</sup>, pai dos atuais dirigentes do Internacional, ele fez uma campanha contra o amadorismo marrom. Naquela época, não se admitia profissionalismo no esporte. Então, como nós não tínhamos recursos para manter os atletas, depois que nós fomos

---

<sup>26</sup> Freqüentadores da Praça Florida.

<sup>27</sup> Praça General Osório, também conhecida como Alto da Bronze.

<sup>28</sup> Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

<sup>29</sup> Praça Garibaldi, localizada no Centro de Porto Alegre.

<sup>30</sup> Praça Jaime Telles, localizada no Bairro Partenon em Porto Alegre.

<sup>31</sup> Personagem de história em quadrinhos, criado por Walt Disney.

campeões, os clubes começaram a oferecer empregos de outras coisas, para os atletas saírem da Florida. Isto aconteceu, por exemplo, no campeonato de 54, a nossa torcida se revoltou por causa do Bugio que foi para o Grêmio e, quando o Grêmio entrou em cancha, lá na nossa quadra, que era na Praça Florida, já com o Bugio, que era Telmo Dreschler, a nossa torcida atirou uma saraivada de moedas nele, justamente para marcar o protesto.

L.M. – Não ficou nenhum registro na imprensa?

P.D. – Ficou, mas eu infelizmente não tenho esses recortes de jornais.

L.M. – O amadorismo marrom, que o senhor se refere, é um profissionalismo?

P.D. – Exatamente, é, entre aspas, os amadores que recebiam. Recebiam algum benefício, ou emprego, ou dinheiro mesmo.

L.M. – O senhor não ganhava nada para jogar? Só pelo prazer?

P.D. – Pelo contrário, nós da Florida, tínhamos que pagar inclusive a camiseta, os *kids*<sup>33</sup>, tudo era financiado pelos próprios atletas.

L.M. – Mas os atletas pagavam para jogar?

P.D. – Sim, pagavam para jogar. Aí, a coisa começou a virar, os clubes poderosos começaram a fazer coisas para atrair os jogadores e, aos poucos, eles foram saindo. O núcleo não teve mais condições de permanecer.

L.M. – O senhor pode nos falar como é que era, aonde eram realizados os jogos? Era em canchas abertas?

P.D. – Em canchas abertas.

---

<sup>32</sup> Presidente do Florida A. C.

<sup>33</sup> Referindo-se aos tênis da época.

L.M. – E, onde o público assistia? Era de cimento o chão?

P.D. – A quadra inicial da praça Florida era de areião de saibro, depois, a Prefeitura construiu uma quadra de cimento e ali, ela colocou as arquibancadas, que era nossa cancha oficial para disputa de campeonatos.

L.M. – Isso na Praça Florida?

P.D. – Na Praça Florida.

L.M. – E, nas outras praças também?

P.D. – Não, nas outras praças, como eles não disputavam os campeonatos, não havia essa arquibancada. Tinha canchas sim, mas arquibancada não.

L.M. – O senhor lembra quando que teve o primeiro ginásio coberto?

P.D. – O primeiro ginásio coberto, aconteceu no Grêmio Náutico União. Não sei te dizer, mas se não me engano, em 1955 ou 56 foi inaugurado o ginásio do União. Mas não tenho certeza disso.

L.M. – Então, em princípio todos os jogos eram realizados...

P.D. – Eram realizados em quadras abertas. Quadras completamente abertas. Ou na Sogipa, no Internacional - que era nos Eucaliptos<sup>34</sup>, atrás de uma das goleiras era a cancha do Internacional. No Petrópole Tênis Clube<sup>35</sup> também tinha uma quadra aberta. Aonde mais... Na ACM<sup>36</sup> não chegava a ser um ginásio, mas já era coberto, inicialmente era aberto, depois já puseram uma cobertura lá na cancha.

L.M. – O senhor fala da ACM, da SOGIPA, do União... A Florida era uma praça e montou um time. A Florida foi o único caso que uma praça competiu com esses times?

---

<sup>34</sup> Antigo Estádio do Sport Club Internacional.

<sup>35</sup> Petrópole Tênis Clube, fundado em 07 de setembro de 1941.

P.D. – Foi o único caso sim. Incentivado pelos próprios moradores da redondeza, que nos forçaram praticamente a entrar na Federação. Porque achavam que nós éramos os *bons* da época. Esse que era o problema!

L.M. – Que bom esse envolvimento da comunidade com a praça, né?

P.D. – Exatamente.

L.M. – Essa senhora Erna Leão é que...

P.D. – Dona Erna Leão era praticamente nossa madrinha. Ela é que começou a incentivar neste sentido.

L.M. – É estranho uma mulher tomar iniciativa.

P.D. – É que ela se entrosava muito bem na comunidade da praça. Então, justamente, foi ali que ela tomou esta iniciativa.

L.M. – E, a sua vivência como técnico, como que o senhor viu... Não sei se o senhor chegou a sentir a dimensão da força das praças, como centro de organização de jogos, de atrair as crianças para participar de esportes? Hoje já não é assim, né?

P.D. – Não, não é. Justamente porque... Inclusive a praça Florida, hoje em dia, não satisfaz a fabricação, entre outras, de atletas porque as quadras não são boas, está muito mal freqüentada e a polícia não dá jeito, então, freqüentadores assíduos não existem mais. Infelizmente essa é a realidade!

L.M. – O senhor não chegou a pegar, ou sentir, essa diminuição, essa queda de padrão nas praças?

P.D. – Se eu o quê?

---

<sup>36</sup> Associação Cristã de Moços, fundada em Porto Alegre, no dia 26 de novembro de 1901.

L.M. – O senhor foi atleta?

P.D. – Sim.

L.M. – Aí, participou?

P.D. – Sim.

L.M. – Viu dentro da praça...

P.D. – É!

L.M. – Passou toda sua vida esportiva ali dentro e, depois, o senhor foi técnico?

P.D. – Técnico dos infantis e juvenis.

L.M. – E o senhor tem como comparar a organização da praça quando o senhor era atleta e, depois, quando o senhor foi técnico?

P.D. – Há! Não foi mais ou menos na mesma época. Eu era atleta do quadro principal e técnico dos infantis.

L.M. – E não precisava ser formado em alguma atividade de educação física?

P.D. – Não, não precisava.

L.M. – Sendo atleta e querendo participar das atividades da praça você podia...

P.D. – Sim, podia. Era aberta ao público, não tinha problema nenhum. Esse seu Ricardo Cirne Vargas era o instrutor da praça ali, esse sim, formado em Educação Física, como todos instrutores de praça. Ele incentivava muito o pessoal a praticar esportes lá dentro da praça. Ele também é um dos grandes responsáveis pela fundação do nosso clube.

L.M. – E, senhor Paulo, por último, o senhor não tem um fato ou episódio que gostaria de nos contar? Um episódio particular que o senhor participou ou lembra?

P.D. – Olha assim...

L.M. – Que foi significativo para o senhor e, de repente, para a comunidade da praça Florida?

P.D. – Não me ocorre, assim de momento, alguma coisa muito importante. A não ser a minha participação junto a esse clubezinho, que me orgulha bastante. É um clubezinho que era pequeníssimo, não era nem pequeno, era pequeníssimo e pelo esforço do nosso grupo é que nós chegamos aonde chegamos. Esse é um grande orgulho que eu tenho.

L.M. – Por que será que as outras praças não tiveram essa iniciativa que a Florida teve?

P.D. – Porque a maioria, por exemplo, já a Osório, que é o Alto da Bronze... A maioria ia para o Cruzeiro, o Cruzeiro arrecadava. Tinha o Dada<sup>37</sup>, naquela época, tinha o Melo<sup>38</sup>, tinha Madrinha<sup>39</sup>...

L.M. – Quem era o Dada, o Melo[riso]?

P.D. – O Dada era um jogador famoso de basquete daquela época.

L.M. – Qual era o nome dele?

P.D. – O primeiro nome eu não me lembro, mas era Pegoraro o sobrenome dele. Ele tinha mais dois irmãos que jogavam. E, então, o pessoal da praça Osório, que era o Alto da Bronze, ia para o Cruzeiro, praticamente era o canal que tinha. Nós, da pracinha Florida, disputávamos pela Florida e eles pelo Cruzeiro. Que eram dois grandes rivais. Depois, então, o Internacional como rival também e o Grêmio mais tarde.

---

<sup>37</sup> Campeão estadual pelo Cruzeiro em 1950.

<sup>38</sup> Nome sujeito à confirmação.

L.M. – Sempre foi a maior rival da Florida, sempre foi a General Osório?

P.D. – Sempre foi a General Osório, exatamente. Alto da Bronze né, como é chamada.

L.M. – Senhor Paulo, eu gostaria de agradecer a entrevista e de deixar aberto a possibilidade... A gente vai transcrever esses dados e, gostaria de entrevistar o senhor de novo, se o senhor tiver disposição.

P.D. – Muito obrigado, eu estou a disposição quando você quiser.

L.M. – O CEME<sup>40</sup> está sempre aberto para visitação. Se o senhor quiser saber o que a gente está entrevistando e como está andando o processo de restauração da sua doação.

P.D. – Sim, eu vou falar com companheiros que tiverem alguma coisa interessante para doarem para o museu...

L.M. – Para doar e para contar para a gente...

P.D. – Para contar também! Eu vou falar com eles e, se eu conseguir alguma coisa, eu trago para cá, sem dúvida nenhuma.

L.M. – Então, muito obrigada!

[FINAL DO DEPOIMENTO]

---

<sup>39</sup> Odete Maciel.

<sup>40</sup> Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da UFRGS.